Revista UBC

REVISTA DA
UNIÃO BRASILEIRA
DE COMPOSITORES
#14 / SETEMBRO DE 2012

+ MALLU MAGALHÃES, BAIA, CHINA E A VIDA INDEPENDENTE

+ NOVA REGRA DO ECAD BENEFICIA MÚSICOS ACOMPANHANTES

+ GUILHERME DE BRITO, MARLOS NOBRE, EVALDO GOUVEIA, CHARLES TEONY, GETÚLIO CAVALCANTI

DJAVAN

ELE FOI PROMESSA DO FUTEBOL DE ALAGOAS, FUGIU DE CASA, APRENDEU A TOCAR VIOLÃO POR ACASO E SE TORNOU UM DOS MAIORES DA MPB. AGORA, LANÇA SEU 20º DISCO

ISSN 2176153-1
9 772176 153002

Um nasceu no Rio e foi criado em Minas.

O outro só saiu de Salvador para estourar no Brasil todo.

Hoje, ambos são reverenciados no mundo.

Feliz aniversário,
Milton Nascimento e Gilberto Gil,
artistas sem fronteiras.

Como a nossa música.

HOMENAGEM DA TAMBÉM "SETENTONA" UBC.

UBC 70 ANOS
União Brasileira de Compositores
O AUTOR EXISTE

REVISTA DA
UNIÃO BRASILEIRA DE COMPOSITORES
#14 : SETEMBRO DE 2012

EDITORIAL

Da alma do brasileiro de todos os cantos nasce a música popular que fascina o mundo. Nossa voz é potente e bela e espalha a criatividade de cada um de nós. A UBC faz setenta anos e mantém a tradição de luta dos que defendem os direitos dos autores. Gonzagão faria cem anos. Muitos de nossos compositores fazem 70 anos de vida e originalidade. Somos uma nação musical que deve ser respeitada.

Fernando Brant

04-05 06-07 08-09 10-11 12-13
14-15 16-17 18-19 20-21 22

ÍNDICE

04 : NOVIDADES NACIONAIS
06 : **LANÇAMENTOS**
07 : NOVIDADES INTERNACIONAIS
08 : ENTREVISTA: **MARLOS NOBRE**
10 : HOMENAGEM: **GONZAGÃO**
12 : CAPA: **DJAVAN**
16 : MERCADO: **GERAÇÃO INDEPENDENTE**
18 : MEMÓRIA: **GUILHERME DE BRITO**
20 : FUTURO: **JONATHAN TAPLIN**
22 : DISTRIBUIÇÃO

A **Revista UBC** é uma publicação da União Brasileira de Compositores, uma sociedade sem fins lucrativos que tem como objetivos a defesa e a distribuição dos rendimentos de direitos autorais e o desenvolvimento cultural / **Diretoria:** Fernando Brant (presidente), Abel Silva, Aloysio Reis, José Antônio Perdomo, Manoel Nenzinho Pinto, Ronaldo Bastos e Sandra de Sá / **Diretora-executiva:** Marisa Gandelman / **Coordenação editorial:** Elisa Eisenlohr / **Projeto gráfico e diagramação:** 6D / **Editor:** Alessandro Soler (MTB 26293) / **Editor Assistente:** Caco Fortuna / **Foto da capa:** Gustavo Stephan / **Colaboraram nesta edição:** Bruno Albertim, Caco Fortuna e Lauro de Figueiredo Teixeira / **Tiragem:** 5.000 exemplares / Distribuição gratuita

UBC União Brasileira de Compositores

NOVIDADES NACIONAIS Por Bruno Albertim, do Recife

EVALDO GOUVEIA, SUPERLATIVO

Sessenta anos de carreira, iniciada no clássico Trio Nagô; 55 anos de lançamento da primeira composição própria, "Deixe Que Ela Se Vá", gravada por ninguém menos que Nelson Gonçalves; exatas 1.018 músicas compostas, 50 delas totalmente inéditas - e 19 no primeiro DVD, ainda inédito, gravado no Teatro José de Alencar, em Fortaleza. Não há dúvida de que é pródiga a trajetória do cearense Evaldo Gouveia, autor de sambas e marchas-rancho que entraram para a história do carnaval do seu estado e foram gravados por gente como Altemar Dutra, Moacyr Franco, Wilson Simonal e Jair Rodrigues. Ano passado, Evaldo ganhou uma bela homenagem da prefeitura de Fortaleza e teve sucessos tocados por diversos artistas de vários blocos e trios. Enquanto finaliza o DVD, "Evaldo Gouveia ao vivo", e se divide entre suas casas de São Paulo, Rio e Fortaleza, o mestre, de 80 anos, não para de produzir. Mesmo assim, teve um tempinho para bater um papo com a Revista UBC.

O que o tem inspirado? Sobre o que falam as novas músicas?
Sobre o que sempre falaram: dor de cotovelo (risos). Vem desde jovem! Sou sentimental *pacas*! Estou num momento de produção quase contínua. Vivo com o violão nas pernas dentro de casa, nunca parei de compor. Cheguei fácil a umas 50 canções inéditas. E quero gravar todas.

Como foi a gravação do DVD, em Fortaleza?
Foi lindo, uma coisa muito especial. Graças a Deus, dei sorte de não ter problema vocal no dia. A previsão de lançamento é até o fim do ano. Antes, preciso acertar umas questões burocráticas com os produtores dos shows e da gravação. Na parte de finalização, estamos fazendo ajustes, uma limpeza mesmo. Mas as 19 canções são muito bonitas, acho que o público vai gostar bastante.

O senhor sempre tocou uma carreira solo, ao mesmo tempo em que integrava o Trio Nagô. Por que demorou tanto até começar a lançar os próprios discos?
Eu ganhava tanto dinheiro com o trio que não queria deixar os meus amigos, era confortável, era bacana do jeito que estava. Comecei a compor, gravando com todo mundo, e o povo me cercava... Descobriram que era eu o homem. Passei a viver na noite, cantar na noite. Muita bebida, mulher, a vida louca... Fui morar na França com o pessoal do trio, voltei, botei para quebrar no Rio, em São Paulo. Tive até boate, a Sun Flash, nos Jardins, por 20 anos. Mas demorei até me decidir a investir como se devia na carreira. Eu não ligava muito, desperdicei muitas oportunidades. Tudo bem. Tudo tem seu tempo.

Dani Remião

PONTE OLINDA-SANTA TERESA

Charles Teony mora há dois anos e meio no Rio. Mas deu um jeito de não se afastar de Olinda, a cidade centenária e responsável por sua "formação poética, musical e boêmia". Morador de Botafogo, é no bairro de Santa Teresa que encontra o cenário ideal para o projeto que vem popularizando seu nome na cena musical carioca. "Me juntei a algumas pessoas que gostam muito de Pernambuco. Santa tem essa coisa do casario, dos artistas de rua, dos pintores, de gente jovem querendo fazer coisas novas", diz ele, apresentando o projeto Santa Pernambucana. Material de um disco que deve lançar ainda este ano, a empreitada consiste numa série de arrastões musicais e shows realizados no bairro carioca, também comparado ao francês Montmartre. "Faço, na verdade, um grande baile nordestino", diz ele, que recheia metade do repertório com composições próprias e a outra metade com clássicos e contemporâneos do Nordeste: Jackson do Pandeiro, Alceu, Gonzagão, Ednardo, Antônio Carlos Nóbrega e os mais recentes Otto, Fabio Trummer (Eddie) e Mestre Ambrósio. Aos trinta e poucos anos, Teony viveu, de perto, a explosão do Manguebeat no Recife e em Olinda. Mas nem tanto assim. Até 2003, era vocalista do Maracatu Nação Pernambuco, com o qual percorreu nada menos que 88 cidades na Europa. "Vi Chico (Science), tudo aquilo. Mas estava muito próximo, também, do (movimento) Armorial", lembra. Com o passaporte mais carimbado que o de um diplomata, Teony chegou a receber, em 2005, um título de artista revelação por sua participação no New Orleans Jazz Festival. Sua mistura de jazz e rock com frevo, maracatu e baião conquistou público e crítica. Foi, aliás, um disco decorrente dessa viagem que acabaria por fixá-lo no Rio. Ele foi à capital fluminense fazer dois shows de New Orlinda, corruptela que une os dois lugares. Mas acabou cumprindo mais de 40 apresentações em dois meses. "Não consegui sair do Rio", diz o mais novo embaixador de Pernambuco na Cidade Maravilhosa.

DNA SERTANEJO

Mais de dez milhões de álbuns vendidos, discos de platina e de ouro e muita estrada. Os irmãos Roberto e Meirinho, de São José do Rio Preto (SP), emplacaram um sem-número de sucessos caipiras desde a década de 70, quando estouraram com o *hit* "Tu Tá Cumeno Vrido", que virou até marchinha de carnaval. E teriam aproveitado o novo *boom* da música sertaneja dos anos 2000, não fosse pela súbita morte de Meirinho, em 2002. Depois de homenagear o irmão numa breve carreira solo, Roberto resolveu se unir ao filho dele, Meirinho Jr., e fazer renascer a dupla que conquistou o interior com releituras caipiras de compositores diversos, como Roberta Miranda, Zezé di Camargo e até Chico Anysio e Luiz Gonzaga. Eles estão lançando o álbum "É eu, bem", retomam a agenda de shows pelo país e até arriscam um flerte com o cinema. Em 2009, tio e sobrinho fizeram uma participação no filme "O Menino da Porteira", estrelado pelo sertanejo Daniel.

GETÚLIO, 70, PARA O RIO E PARA OLINDA

Um dos baluartes do frevo de bloco, lírico, que toma salões e ruas de Pernambuco, Getúlio Cavalcanti acaba de completar 70 anos de vida e está prestes a cumprir 50 carnavais. Para comemorar, o maior compositor vivo de frevos quer, oportunamente, lançar um álbum com outros ritmos além do que o consagrou. Sob produção da conterrânea Cláudia Hollanda, intérpretes cariocas ou radicados no Rio estão sendo escalados para a empreitada. "Sou sempre lembrado pelos meus frevos, mas compus de tudo. De guaranias a sambas-canção, boleros, maracatus, cirandas etc.", diz Getúlio.

Com mais de 500 composições na folha corrida, já foi gravado por nomes que vão de Luiz Melodia a Martinho da Vila, Moraes Moreira, Teca Calazans e Noite Ilustrada, entre outros. "Me emocionou muito a gravação de Altemar Dutra para Estranho Amor", lembra ele, nutrido de outro sonho imediato: um disco de frevos em homenagem a Olinda. "Sou o compositor que mais canções fez em homenagem à cidade", pontua. Outros intérpretes e parceiros devem se juntar, no projeto, ao autor de "Último Regresso", frevo obrigatório durante o desfile de qualquer bloco que se honre no eixo Recife-Olinda. Aquele que faz a multidão desacelerar o passo e, não raro, cair em lágrimas sob os versos de "Não deixem não/ que o bloco campeão/ guarde no peito a dor de não cantar./ Um bloco a mais/ é um sonho que se faz/ o pastoril da vida singular. É lindo ver o dia amanhecer, ouvir ao longe pastorinhas mil dizendo bem que o Recife tem o carnaval melhor do meu Brasil".

Camilla Cardoso

LUZES, CÂMERAS... SOM!

O imponente Parc de l'Espanya Industrial, em Barcelona, recebeu no final de junho a décima edição do Festival Visual Brasil, um evento que dá grande visibilidade a manifestações audiovisuais de vanguarda produzidas por artistas nacionais na Europa. E quem abriu a programação foi o mineiro Wagner Merije, produtor que mescla música, vídeo, poesia e fotografias em suas performances. Além do mais recente álbum, a coletânea "suprasensorial" (disponível para descarga em www.merije.com.br), que tem participação de Aline Calixto, Merije fez um pot-pourri de trabalhos musicais de diversos artistas que têm como foco e base as novas tecnologias. Para ele, o Brasil abastece de novos talentos um evento dessa natureza há tantos anos devido à sua vibração e ao caráter inovador dos seus criadores. "Barcelona é um palco mundial, tem gente do mundo inteiro de olho na cidade. É uma oportunidade de mostrar o que está acontecendo no Brasil", resumiu o mineiro, também à frente do projeto MVMob (Minha Vida Mobile), que viaja pelo país propondo a professores e alunos um método de educação por meio da criação de conteúdos audiovisuais com celulares.

LANÇAMENTOS Por Bruno Albertim, do Recife

Marcos Portinari

BRASIL DE TODOS OS SONS

As nove faixas que compõem "Brasilianos 3" reiteram a brasilidade multirreferenciada do bandolinista Hamilton de Holanda. Mas nem precisavam fazê-lo. Um dos nomes mais conhecidos do choro e da música brasileiros no exterior, o músico já deu provas anteriores – nos apuradíssimos "Brasilianos 1" (2006) e "Brasilianos 2" (2010) – do quanto pode passear pelas inúmeras vertentes da música brasileira sem abandonar sua base "chorista", passando por jazz, blues, ritmos latinos e virtualmente qualquer manifestação da chamada *world music*. Chamado de "Hendrix do bandolim" pela imprensa internacional, o músico de 35 anos, indicado na categoria melhor solista ao Prêmio da Música Brasileira este ano, toca com André Vasconcelos (contrabaixo), Gabriel Grossi (harmônica), Márcio Bahia (bateria) e Daniel Santiago (violão) e recebe Milton Nascimento na faixa "Guerra e paz I".

Gabriel Rocha

MAR DE MINAS

Jornalista de formação, e mineiro até o último pão de queijo, Gabriel Rocha acrescenta mais um capítulo à história da música de Minas. Depois de dissolver sua banda de pop-rock Jucabala, o jovem músico tem se dedicado a temas instrumentais e canções melodiosas. O resultado pode ser conferido em "Choro de Mar". Neste primeiro CD, que vem aglutinando atenções em BH, ele conta com a participação do padrinho, Beto Guedes. Juntos, eles cantam a faixa-título.

O NOVO DE LEO GANDELMAN

Um dos mais notáveis e completos instrumentistas do país, Leo Gandelman volta à cena com um novo álbum, já na segunda edição na Europa e que agora chega ao Brasil. Em "Vip Vop", primeiro de inéditas desde 2004, o saxofonista exercita mais uma vez sua parceria com o pianista e arranjador David Fedman em faixas como "Vip Vop", "Luz Azul" e "Nêgo Tá Sabendo". O disco tem participação de Serginho Trombone e, na Europa, saiu pela Far Out Recordings. Gandelman já fez um show de lançamento, em agosto, na Miranda, no Rio, e deve rodar o Brasil e, eventualmente, outros países em turnê. O instrumentista já fez seis temporadas no mítico Blue Note, de Nova York, e tocou como solista de algumas das mais importantes orquestras do planeta.

O ANO DO ZECA

A fina ironia é uma marca de Zeca Baleiro desde que ele despontou no horizonte da chamada "nova MPB". Agora, o filho de *seu* Tonico aumenta o tom no título de seu mais novo e bem recebido trabalho. Batizado de "O Disco do Ano", o álbum é uma alusão à obsessão já um tanto estéril do mercado e dos formadores de opinião por capitalizar listas de excelência. Neste CD, Baleiro se cerca de parceiros novos e antigos: Hyldon, Frejat, Wado, Lúcia Santos e a japonesa radicada no Brasil Kana. E de colegas de microfone. Canta com Andreia Dias, em "Meu Amigo Enock"; Margareth Menezes, em "O Último Post", e Chorão, no rap "O Desejo". Ele também não se fez de econômico no quesito produção. As doze faixas são assinadas por nada menos que 15 produtores - todos, à sua maneira, livres para imprimir suas marcas. Um disco, enfim, eclético e, sem contradições, harmonioso.

MUITO ALÉM DO CARNAVAL

Sérgio Passos tem incontáveis serviços prestados à música baiana. Já alimentou com suas composições uma verdadeira lista de recenseamento musical de Salvador: Ricardo Chaves, Asa de Águia, Jamil e Uma Noites, As Meninas, Terra Samba, Netinho, Márcia Freire, Banda Eva, Chiclete com Banana, Timbalada etc. Na voz de Ivete Sangalo, a sua "Deixo" chegou a ser uma das mais executadas do Brasil. Mas, como lembra seu admirador - e produtor - Guilherme Arantes, ele não é apenas uma força a serviço do carnaval ou da "outdoor music" da Bahia. Prova disso é seu novo trabalho. "Linha 8 Soul", apadrinhado por Arantes, dá mostras de como a dicção do ritmo americano irmão do blues pode contribuir com o tempero da MPB.

MÚSICA SEM PALAVRAS

Ele é o homem por trás de um dos maiores *hits* de uma banda que era praticamente uma usina deles nos anos 80. É de Tavynho Bonfá a autoria de "Clarear", sucesso icônico do Roupa Nova. Agora, ele emoldura com a própria voz suas composições. Apelando para o financiamento coletivo, Bonfá conseguiu gravar "Sem Palavras 2.0", de faixas instrumentais como "Batuque no Céu", "Mapinguari" e "Sem Palavras". O lançamento foi em agosto, e o disco pode ser comprado em conceitoeditorial.com.br.

NOVIDADES INTERNACIONAIS

UBC FECHA ACORDOS COM SOCIEDADES DA BULGÁRIA E DO JAPÃO

Em mais um passo para facilitar o recebimento de pagamentos por músicas reproduzidas no exterior, a UBC fechou acordos com as principais sociedades da Bulgária e do Japão. No caso das obras tocadas no país europeu, a Musicautor, membro da Cisac, repassará os valores referentes a execução pública e reprodução. Para autores búlgaros tocados no Brasil, a UBC garantirá os repasses. No caso do Japão, o acordo com a CPRA/Geidankyo, que representa os intérpretes, assegura o pagamento de direitos conexos (de intérpretes, músicos e radiodifusora). A UBC já tem acordos com sociedades de cerca de 130 países e trabalha para continuar a ampliar essa base.

RETROCESSO NA ÍNDIA

A Índia inovou negativamente em matéria de direitos autorais. Uma decisão de uma das Altas Cortes do país asiático estabelece que a remuneração correspondente pela execução de músicas em rádios deve ser destinada apenas a intérpretes, músicos e produtores fonográficos. Ou seja, somente os direitos conexos devem ser recolhidos. Segundo o entendimento dos juízes, os autores das músicas não têm direito a qualquer pagamento pela radiodifusão. A sentença vai na contramão do que ocorre no mundo todo, e, por isso, sociedades arrecadadoras de diversos países, a UBC entre elas, apoiam um recurso que será apresentado pela indiana IPRS junto à Suprema Corte daquele país.

UNIÃO EUROPEIA FACILITARÁ PAGAMENTOS POR EXECUÇÃO ON-LINE

A Comissão Europeia, entidade que defende os interesses coletivos do bloco de países, anunciou em julho que lançará uma norma para melhorar a transparência e a governança das sociedades de gestão coletivas, facilitando o licenciamento multiterritorial de obras musicais para uso on-line. Na prática, a medida tornará mais fácil aos provedores de internet obter as licenças necessárias para a distribuição de música na web – e recolher corretamente os valores correspondentes aos criadores das obras. Cada sociedade nacional do bloco terá de se adequar à norma comum, o que tornará muito mais ágil o licenciamento. Entre os itens constantes do documento estão uma administração mais detalhada dos repertórios, mais rapidez nas transferências dos pagamentos e mais clareza na aferição dos números de streamings. A medida foi saudada pela Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores (Cisac).

CONSUMO DE MÚSICA DIGITAL LEGAL CRESCE NA ESPANHA

Apesar da grave crise da dívida pública que enfrenta, a Espanha viveu, no primeiro semestre deste ano, um expressivo crescimento no número de descargas legais de arquivos musicais, 7,5% mais que no mesmo período do ano passado. A música consumida por meio de dispositivos digitais atingiu 38,5% do total comprado legalmente naquele país. Já as assinaturas de sites que permitem escutar ou descarregar músicas (Spotify, Rara, Rdio etc.) mais que dobraram em volume, passando de 4,1 milhões de euros no primeiro semestre de 2011 para 8,8 milhões este ano (115% mais). O destaque máximo é o consumo de música por meio de telefones inteligentes ou tablets como o iPad. De acordo com a associação dos produtores de música daquele país, a Promusicae, embora animadores, os números mascaram uma realidade dura: só 2% das canções baixadas da internet na Espanha o foram legalmente. As perdas no setor são estimadas em 2,7 bilhões de euros.

DINAMARCA INOVA NO COMBATE À PIRATARIA

Não basta reprimir. É preciso dar alternativa. A conclusão óbvia veio de um amplo estudo realizado pelo governo dinamarquês para traçar o perfil do usuário de conteúdo baixado ilegalmente da internet. Homens de bom nível socioeconômico e educacional são os mais assíduos nas descargas piratas. E o motivo alegado é bem simples: ainda não existem boas – e variadas – opções para a aquisição ou o consumo em streaming de músicas e vídeos online. "A principal conclusão do estudo é que a maioria preferiria ficar dentro da lei", afirmou Ida Mykland, consultora responsável pela pesquisa. Como primeiro resultado, o país nórdico lançou um pacote educativo com medidas de incentivo a descargas legais. Como em outros estados europeus, o governo havia adotado anteriormente a política dos três passos antes de punições mais graves – multas, perda do sinal de internet e até prisão. Mas a repressão não funcionou. Agora, o objetivo é estimular mais empresas a diversificar seu banco de dados e oferecer, mais agilmente, conteúdos disponíveis ilegalmente. Pode estar nascendo uma nova etapa no combate à pirataria.

"SOU UM GLADIADOR CONTRA QUEM PRETENDE USURPAR MEUS DIREITOS COMO CRIADOR"

O PREMIADO COMPOSITOR MARLOS NOBRE FALA SOBRE ARRECADAÇÃO, NOVAS TECNOLOGIAS E PANORAMA DA MÚSICA DE CONCERTO E COMENTA A CONQUISTA, POR UNANIMIDADE, DO PRESTIGIADO PRÊMIO TOMÁS LUIS DE VICTORIA

Por Lauro de Figueiredo Teixeira, do Rio

Aclamado pela crítica mundial como o sucessor de Villa-Lobos, Marlos Nobre tem uma carreira marcada pela qualidade incontestável de suas obras e pela regência de grandes orquestras. Vencedor de inúmeros prêmios, foi o primeiro nome da música clássica a conquistar por unanimidade o prestigiado Premio Tomás Luis de Victoria, da espanhola Sociedad General de Autores y Editores (SGAE). Aos 73 anos, 53 deles como compositor, o pernambucano está no YouTube, no Facebook, no MySpace e é um entusiasta da internet e das redes sociais como forma de difusão da música clássica. Defensor fervoroso dos direitos do autor, Nobre analisa o atual cenário das políticas de direitos autorais no Brasil e no mundo, além de comentar temas como Ecad, downloads e os obstáculos enfrentados pela nova geração de artistas.

Quais os principais obstáculos que os novos compositores enfrentam atualmente? Era mais difícil ou mais fácil antigamente?
A cada dia eu me espanto mais com a grande quantidade de jovens compositores que surgem no Brasil. Acho hoje mais fácil ser compositor, pelas ferramentas que estão ao alcance de todos, como computador, internet, comunicação instantânea e troca de partituras via e-mail. No passado, era tudo demorado, custoso e difícil. Mas, ao mesmo tempo, a concorrência foi multiplicada por milhões. Somente nos Estados Unidos, são compostas mais de 5 mil obras sinfônicas anualmente. Assim, mesmo que todas as orquestras americanas tocassem exclusivamente a música atual, seria impossível contemplar a todos. Quando eu comecei, tive minhas obras tocadas instantânea e imediatamente por grandes orquestras na Europa, como a Orchestre de la Suisse Romande, a Royal Philarmonic Orchestra, a Orchestre ORTF de Paris... Não creio que hoje em dia, por mais talentoso que seja um jovem compositor, tal feito seja possível. Os países se fecham em seus próprios jovens compositores, que já são muitos, e o lugar para um jovem brasileiro fica restrito. Portanto, hoje é mais difícil, sim.

Quais os benefícios e malefícios trazidos pelo advento das novas tecnologias para a difusão da música clássica?
O único malefício, se podemos chamar assim, é o que pode ocorrer com alguns jovens compositores: o uso de certos programas de computador, em que é possível "compor" determinada peça musical com a ajuda de softwares especializados, à maneira de compositores famosos na música contemporânea, como Boulez, Berio, Nono. Em alguns concursos de que participei como jurado, chamei a atenção dos meus colegas do júri para algumas dessas situações. De resto, só vejo vantagens na atual tecnologia para a difusão da musica clássica.

O senhor enxerga a internet e as redes sociais como uma possibilidade de popularização da música clássica? O YouTube é uma boa ferramenta para essa disseminação?
Tanto a internet como as redes sociais são ferramentas essenciais e, na verdade, mudaram e continuam mudando a face e a difusão da música clássica aqui e em todo mundo. Eu, pessoalmente, aderi há muito tempo a essas possibilidades, e estou no Facebook, no Orkut, no MySpace, no Twitter e no YouTube. Sobretudo o YouTube me parece uma ferramenta essencial. No meu caso, praticamente todos os discos e CDs de gravações de minhas obras estão somente disponíveis no exterior. As gerações de estudantes, no Brasil, se sucediam sem que pudessem ter à mão a informação sobre minhas obras. Decidi, então, já alguns anos atrás, criar meu próprio canal no YouTube, "marlosnobre", e disponibilizar todas as gravações de minha obras. Atualmente, tenho 410 obras por lá e uma média de visitas de 300 a 500 por dia. Meu canal anda pela faixa de 200.000 visitas. Isso seria impensável sem essas ferramentas atuais, naturalmente.

Qual sua opinião sobre download de obras musicais, cópia de CDs e Creative Commons?
Naturalmente, é muito difícil você controlar o download pirata, sobretudo se tem suas músicas no YouTube. Mas eu sou totalmente contrário ao Creative Commons pela simples razão de que eles existem exclusivamente para proveito financeiro de um grupo em detrimento dos direitos autorais dos compositores. Eu já vi obras minhas sendo vendidas em sites de downloads e intervim imediatamente, acusando o site de estar usando ilegalmente minhas obras. Me responderam, pediram informações precisas sobre minhas obras, edições etc., que forneci, e imediatamente retiraram as peças do site. É uma luta contínua. Sempre fui uma espécie de guerreiro. Mais ainda, sou um gladiador contra quem pretende usurpar meus direitos como criador. Eu vivo do fruto de minha criação musical e, portanto, tenho de ser pago. Simplesmente assim.

Na literatura, a importância do autor é tão grande quanto na música. Hoje, não é raro vermos textos circularem na internet atribuindo autoria equivocada a escritores como Carlos Drummond de Andrade. Já passou por alguma situação parecida, em que sua obra tenha sido atribuída equivocadamente a outro compositor ou vice-versa? Consegue imaginar "O Canto Multiplicado para soprano e cordas" sem a sua assinatura e a de Drummond?
Não passei diretamente por isso, felizmente. Por acaso, entretanto, essa mesma obra foi grosseiramente plagiada alguns anos atrás por uma pseudocompositora de origem armênia, na Argentina, uma coisa espantosa. Em casos assim, eu intervenho imediatamente com meus advogados e dou as lições que o plagiador merece.

Qual é a sua relação com a luta pelos direitos de autor?
Desde o início de minha carreira como compositor, eu levei muito a sério esta questão. Me parecia natural e essencial que o direito autoral fosse a principal fonte de renda do compositor, tanto de música popular como de música de concerto. Logo eu veria minhas ilusões a respeito serem praticamente destruídas pela realidade existente no Brasil. Em 1960, venci o 1º prêmio do Concurso Música e Músicos do Brasil, da Rádio MEC, no qual o Guerra Peixe foi o 2º lugar e com um júri que incluía Camargo Guarnieri, Radamés Gnatalli, Francisco Mignone... O Camargo me mostrou, então, um cheque que recebeu de direitos autorais: era menos que uma corrida de táxi! Camargo, em vez de descontá-lo, colocou-o em um quadro e o pendurou na parede do seu estúdio. Ele me disse: "Prepare-se para a dura realidade, não se ganha direito autoral no Brasil". Não acreditei muito nisso e, cheio de entusiasmo, entrei então para a SBAT. Cedo constatei a dura realidade. Em 1973, na alemã Gema, os direitos autorais passaram a representar algo importante na minha carreira. Hoje, vejo com grande satisfação, realmente, que o cenário vem mudando drasticamente. Há uma real aproximação das sociedades e dos seus membros. A UBC vem fazendo um esforço extremamente sério para mudar a situação daquele meu início.

Como avalia a atuação do Ecad hoje?
Há uma aproximação real entre a entidade e os seus sócios, uma abertura real e evidente e cada vez mais transparência nos métodos de arrecadação e distribuição, igualando a entidade às mais categorizadas em todo o mundo. O Ecad começou a ouvir diretamente as vozes, os clamores e as questões de seus associados, e, por exemplo, a Comissão de Artistas que integram a entidade é uma realidade brilhante. O Ecad sabe que tem de aperfeiçoar seus métodos frente a um processo contínuo de questionamentos de seus membros. A política de esclarecer, de ir ao encontro dos interessados, como é o caso das reuniões que vêm sendo realizadas com enorme êxito em todo o Brasil, é a prova concreta de uma mudança de posição. Posições feudalistas, hoje, são impossíveis em uma sociedade aberta, democrática e ampla, vigiada constantemente pelos meios de comunicação e pelos próprios usuários. E, felizmente, nós, os compositores, despertamos para o fato de que as sociedades de direito autoral e o escritório central são na realidade nossos, não existiriam sem os compositores.

Qual o papel da rádio e das gravadoras nesse cenário?
A rádio, nomeadamente a MEC, tem um papel fundamental e o vem exercendo de forma digna, extremamente profissional, enriquecedora e criativa. É nossa única rádio dedicada à difusão da música de concerto e tem um destaque especial entre as congêneres em todo o mundo. A única coisa que gostaria que acontecesse na Rádio MEC é que, como rádio do governo federal, deveria ser a primeira a dar o grande e fundamental exemplo e simplesmente pagar direito autoral pelas obras de autores brasileiros, sobretudo, transmitidas por ela.

Quais as vantagens de ter todas as suas obras editadas pela sua própria editora?
Eu comecei em 1973 a editar todas minhas obras na Alemanha, na editora Tonos Verlag em Darmsdat. Na época, os seus diretores, Franz e Elizabeth König, eram visionários e entusiastas da música brasileira. Editaram tudo de Baden Powell. Assinei, assim, contrato para 87 obras, e tudo funcionava a maravilhas, até a morte do casal. O filho deles simplesmente detestava a música de concerto e não fazia mais nada. Obras minhas pedidas por orquestras, quartetos etc. ficavam sem resposta, e eu passei a ter minha obra praticamente bloqueada. Propus sair da editora, mas o novo diretor não queria anular os contratos. Tive de ir à justiça alemã e ganhei um processo duro contra a Tonos. Desde então, tenho todas as minhas obras com minha própria editora, Marlos Nobre Edition, e, apesar do trabalho extra que isso significa, tem a vantagem de meus auxiliares cuidarem com real interesse de distribuição, venda e aluguel dos materiais de orquestra de minhas obras. No mundo de hoje, com os processos de digitalização e impressão facilitados e a distribuição via internet, a função do editor já não é como nos séculos XVIII, XIX e XX, mudou essencialmente. Prefiro, portanto, ter o controle total de minha obra.

Como o senhor lida, ao longo da sua vida, com as comparações com Villa-Lobos? É uma honra ou um fardo?
Essa comparação surgiu logo de imediato, em 1960, quando meu trio para piano, violino e violoncelo venceu o 1º Prêmio do Concurso Música e Músicos do Brasil, no Rio de Janeiro. Na ocasião, os críticos do Rio foram unânimes em me considerar sucessor de Villa-Lobos. A crítica do então "Diário de Notícias", D'Or, escreveu que eu recebia, naquele momento, de Villa-Lobos o "cetro da criação musical brasileira". Aquilo me assustou, eu tinha então 21 anos, mas não nego que afagou o meu ego. Depois foi a crítica internacional que seguiu os mesmos passos. Minha reação? É uma honra, um prazer, mas não um fardo. Tenho a perfeita consciência de minha obra, e minha vida toda não tem sido mais do que um contínuo e incessante esforço para criá-la. Essa alusão a Villa-Lobos resulta obviamente do fato de ser ele a única referência em música clássica brasileira reconhecida no mundo. Simplesmente sigo em frente, criando minha obra total, sem me perturbar com isso. Cada compositor tem seu estilo próprio, seu período e seu lugar na história da música.

Qual foi a sensação de receber o Prêmio Tomás Luís de Victoria por unanimidade, pela primeira vez na história?
Foi uma sensação de grande alegria trazer para o Brasil um dos três maiores prêmios internacionais da música na atualidade. Ter vencido por unanimidade, pela primeira vez na história do prêmio, acrescentou um sabor e um orgulho especiais. Em matéria de prêmio, foi minha maior conquista, mas eu estou cada vez mais convencido de que minha maior conquista é, na verdade, ter conseguido superar todos os terríveis obstáculos de uma carreira de compositor de música de concerto no Brasil, com suas decepções e suas alegrias. E minha maior alegria é sempre ter tido ao meu lado o tesouro de uma mulher incrível, que suportou os momentos de total isolamento, no mínimo 10 horas por dia, de um criador. É a Maria Luiza, grande pianista e artista, sem a qual eu seguramente não chegaria aonde estou.

O SÉCULO DO VELHO LUA

NO CENTENÁRIO DE LUIZ GONZAGA, HOMENAGENS EVIDENCIAM A INFLUÊNCIA DO MESTRE NA MPB

Ele foi o Rei do Baião, o Velho Lua, o Bico de Aço, o Embaixador Sonoro do Sertão. Compositor que levou a cultura do interior do Nordeste, com suas gírias, personagens e crendices, para o alto das paradas de sucesso, Luiz Gonzaga do Nascimento, o Gonzagão, completaria um século de vida no próximo dia 13 de dezembro. Desde o início do ano, uma lista de homenagens vem sendo anunciada e executada pelo país inteiro. O primeiro grande tributo ao mestre do acordeão, que popularizou gêneros como o forró, o xaxado e o próprio baião, foi o desfile da escola de samba Unidos da Tijuca, no carnaval do Rio. A agremiação celebrou a vida e a obra de Gonzagão e se sagrou campeã na Avenida Marquês de Sapucaí. Mas esse foi só o começo. Reunimos, nestas páginas, algumas das principais homenagens e, também, uma árvore "genealógico-musical" com músicos influenciados pelo cantor e instrumentista que saiu de Exu, na Zona Rural do Pernambuco, para se tornar um dos maiores nomes da MPB, graças a sucessos como "Asa Branca", "Respeita Januário" e "Xote das Meninas" (muitos deles compostos junto com seu grande parceiro, Humberto Teixeira).

CINEMA

O diretor Breno Silveira ("Dois filhos de Francisco") vai lançar, em novembro, um filme sobre a vida do compositor, debruçado sobre a relação conturbada entre Gonzagão e seu filho, Luiz Gonzaga do Nascimento Junior. Órfão de mãe desde os 2 anos de idade, Gonzaguinha foi criado pelos padrinhos e cresceu às turras com o pai. Os dois só se entenderam a partir de 1980, quando viajaram juntos pelo país. Muita gente diz que Gonzaguinha, morto em 1991, aos 45 anos, sequer era filho biológico de Gonzagão, mas a família nega essa versão: "As pessoas gostam de falar muita coisa, mas isso não é verdade", diz Fernanda Gonzaga, filha de Gonzaguinha.

LITERATURA

Jonas Vieira e Simon Khoury lançaram, no meio do ano, "Gonzagão e Gonzaguinha: Encontros e Desencontros", que conta em detalhes o drama vivido entre pai e filho ao longo da vida.

DISCOS

Detentora do acervo da RCA Victor, pela qual Luiz Gonzaga gravou a maior parte de seu trabalho, a Sony vai reeditar toda a obra de Gonzagão. Serão 58 discos, que chegam às lojas aos poucos, a partir de setembro. Muitas das músicas são inéditas em CD. Outra iniciativa, da pequena gravadora Lua Music, vai pôr na praça três discos com diferentes artistas e bandas fazendo versões de músicas do Rei do Baião. A trilogia "100 Anos de Gonzagão" tem releituras de medalhões como Dominguinhos e Chico Cesar e de novos nomes do meio independente, como Karina Buhr e Vanguart.

MUSICAL

Em outubro estreia, no Rio, um musical de João Falcão sobre o Rei do Baião. Filho do sanfoneiro Fidélis do Acordeon, Marcelo Mimoso vai interpretar Gonzagão. Ele foi descoberto pelo diretor enquanto tocava forró num bar da Lapa.

FESTAS

Dezenas de cidades no Brasil dedicaram suas festas juninas e julinas a Luiz Gonzaga. Em Campina Grande, onde acontece o maior São João do Brasil, foi inaugurado um centro cultural com o nome do compositor. Alceu Valença, Elba Ramalho e Daniela Mercury estão entre os grandes artistas que celebraram no palco a vida e a obra do Velho Lua.

NO PRINCÍPIO ERA GONZAGÃO

As influências do ícone do acordeon nordestino foram muito além do universo do forró e dos outros ritmos nordestinos. Luiz Gonzaga deixou marcas profundas na nossa música, contribuindo para a formação de grandes tropicalistas, como Caetano Veloso (sua versão de "Asa Branca" é um clássico), e até de roqueiros da estirpe de Raul Seixas. Até hoje, artistas e bandas atuais, como China e Nação Zumbi, trazem heranças do mestre em seu som.

ANOS 60

CAETANO VELOSO
fim dos anos 60

RAUL SEIXAS
fim dos anos 60

DOMINGUINHOS
começo dos anos 60

ANOS 70

FAGNER
começo dos anos 70

ANOS 80

ALCEU VALENÇA
início dos anos 80

ELBA RAMALHO
início dos anos 80

ANOS 90

CALYPSO
fim dos anos 90

CHICO CESAR
começo dos anos 90

CORDEL DO FOGO ENCANTADO
fim dos anos 90

ZECA BALEIRO
anos 90

VANGUART
meados dos anos 90

ANOS 2000

GABI AMARANTOS
primeiro álbum é de 2012

MARIANA AYDAR
anos 2000

CHINA
anos 2000

O MÚSICO QUE AMAVA O SILÊNCIO

INTROSPECTIVO, DISCRETO, SEMPRE PROLÍFICO, DJAVAN FINALIZA O PRÓXIMO DISCO, PRIMEIRO DE INÉDITAS EM CINCO ANOS, EM SEU ESTÚDIO/CASA NUM CONDOMÍNIO SUPERTRANQUILO NO RIO. E NÓS ENTRAMOS LÁ PARA DESVENDAR UM POUCO DO SEU UNIVERSO COMPLEXO E CHEIO DE SURPRESAS

Por Caco Fortuna, do Rio
Fotos de Gustavo Stephan

Do engarrafamento na Avenida das Américas, na Barra da Tijuca, no Rio, o carro vira à direita e chega a um condomínio daqueles isolados da hora do *rush*, onde o silêncio mantém o clima de feriado. Numa casa, um espaço com discos de ouro e de platina na parede serve de antessala para o estúdio da Luanda Records. Nossa equipe espera lá por alguns minutos até chegar Djavan, vizinho e dono da gravadora. O rosto está descansado. São 17h30, mas, enquanto a maioria das pessoas dá seu expediente por acabado, o cantor alagoano está só começando. Ele acorda tarde e gosta de trabalhar atravessando a madrugada.

"De noite a introspecção é mais possível. O telefone toca menos", diz o músico, enquanto as paredes de uma outra sala, onde trabalha o engenheiro de som Marcelo Saboya, deixam escapar a música de seu novo disco, o vigésimo da carreira.

Djavan está com 63 anos e uma cara ótima. Parece aliviado porque vai, finalmente, lançar um álbum de inéditas. Em seu último CD, "Ária", de 2010, o músico gravou apenas canções alheias, de artistas como Caetano Veloso e Cartola. Ele não divulga um disco de composições suas desde "Matizes", de 2007. "Este álbum tem a marca de um compositor represado que volta ao hábitat natural", diz o alagoano, que saiu de Maceió aos 23 anos para fazer história no Rio.

Um dos maiores compositores da MPB, usina de ***hits*** como "Flor de Lis", "Meu Bem Querer", "Oceano" e "Eu Te Devoro", Djavan se revelou um contador de histórias nesta entrevista de uma hora. Voltou no tempo até a adolescência, quando era camisa 10 e achava que seria jogador de futebol; recordou-se de quando fugiu de casa para não virar militar; relatou com detalhes os primeiros meses no Rio, tentando se encontrar; e descreveu alguns dos principais momentos de sua carreira. Foi um desfile de casos e personagens até chegarmos aonde ele está agora. Dono de sua gravadora, lançando mais um disco e casado pela segunda vez, há 15 anos, com dois filhos em idade escolar - além de três, já adultos, do primeiro casamento.

"Vamos ter mais. A Rafaella não está grávida ainda, mas não vai demorar."

Sua carreira teve muitas nuances, passando por fases românticas e festivas. Nos últimos anos, você passou um bom tempo sem lançar composições suas. Como foi voltar a gravar suas próprias músicas?
Esse disco vem com uma gana muito forte. A composição sempre veio em primeiro lugar para mim. Compor é uma necessidade física, com a qual eu me expando e me revelo. Foi justamente por isso que demorei tanto na minha carreira para gravar um álbum como o "Ária", no qual eu apenas interpreto canções de outros artistas. O novo álbum, então, tem essa marca de um compositor represado que volta ao seu hábitat natural. São todas faixas inéditas.

Você costuma compor as músicas antes das letras. Como é esse processo?
Quando fui para o estúdio, já tinha seis canções, com letra e música prontas. Mas eu também gosto de aproveitar o clima de estúdio, com os músicos, equipamentos, as coisas acontecendo, a troca, para fazer música nesse clima também. Gravei até mais faixas do que precisava e tive que selecionar a lista final. Mas é um disco que estava represado, tem várias nuanças, gêneros. É um disco para cima, para reflexão, com momentos políticos, sociais, de amor. Tem para todos.

Hoje, com décadas de uma carreira de sucesso, você às vezes para e pensa que por pouco não se tornou jogador de futebol?
Pois é, na minha adolescência, em Maceió, todo mundo, inclusive eu, achava que eu seria jogador de futebol. Eu jogava bem. Era um camisa 10, que não fazia muitos gols, mas dava ótimos passes. Quando eu tinha uns 15 anos, o professor de educação física da minha escola me levou para treinar no CSA.

Mas o que houve? Você largou o futebol por causa da música?
Que nada... Nessa época eu estava só começando a vislumbrar o violão. Larguei porque fui embora de Maceió. Na época, as famílias tinham dois grandes planos para seus filhos: uma carreira na Petrobras ou no Exército. Minha família queria muito que eu fosse militar. A gente morava perto de um quartel, o 20º Batalhão dos Caçadores. Ali viviam uns 30 mil soldados. Era uma influência muito forte. Aí eu fugi de casa e fui morar em Recife, com um primo que nem gostava muito de mim. Quem gostava era a mulher dele. Fiquei um ano e meio lá. Foi quando comecei a tocar violão. Não tinha o que fazer…

Mas você trabalhava com o que na época?
Tinha uns 16 anos. Trabalhei um tempo como office-boy na fábrica da Coca-Cola e passava muito tempo sozinho, tocando violão. Quando não aguentei mais de saudade, fiz um acordo com a família. Eu poderia voltar para Maceió. Teria casa, comida e roupa lavada, mas dinheiro, não. Então, voltei e formei uma banda, a LSD (Luz, Som e Dimensão). Eu nunca cheguei perto da droga, mas o LSD estava em voga, e aproveitamos a onda. Deu muito certo. Fazíamos shows todo fim de semana, na capital e no interior. Tocávamos em baile, comício, feira, batizado... Uma beleza. Aí, o futebol dançou de vez.

Mas você nunca cogitou seguir carreira em Maceió? Por que veio para o Rio?
Não tinha a menor condição de ficar em Maceió. As minhas composições eram odiadas pela banda. Eles achavam aquilo sem pé nem cabeça. Sempre tive incompatibilidade com o pensamento musical dos outros. A gente brigava muito, eu achava tudo que eles faziam careta. Era o mais novo e a ovelha negra do grupo. Mas eles sabiam que eu era muito musical e me aturavam. A banda durou três anos. Eu me casei e tive uma filha, a Flávia Virginia. Minha mulher estava grávida do Max quando vim pro Rio, com uns vinte e poucos anos, sozinho e sem saber o que fazer aqui.

Como se virou?
Minha primeira moradia foi na praça do Jockey, na Gávea, com um amigo de Maceió, que me chamou para ficar com ele. Mas era um apartamento pequeno do primo dele. O meu amigo dormia no quarto de empregada, e eu, embaixo da cama dele. Passei três dias lá até alugar um quarto no apartamento de uma amazonense completamente maluca chamada Cindi, na Rua Marquês de Abrantes, no Flamengo. Eu dividia o quarto com um estudante de engenharia paranaense chamado Zé, que simplesmente não falava. Eu chorava todas as noites, ele vinha, me abraçava, mas eu nunca ouvi a voz dele.

Você chorava por quê?
De saudade, estava perdido, sem saber o que estava fazendo. Morei com a Cindi por três meses. Nesse intervalo eu fui levado à Som Livre pelo Aldezon Alves, um radialista mais do samba. Ele me levou à gravadora, onde me ouviram o João Melo e o Waltel Branco. O João me achou esquisitíssimo, mas disse que eu tinha talento. E o Waltel, que era meio maluco, disse pra eu continuar daquele jeito porque aquilo me levaria longe. Eles me apresentaram ao João Araújo (fundador da Som Livre), que me adorou. Ele alugou um apartamento para mim no Catumbi, e pude trazer minha família. Isso marcou a minha vida. Minha mulher veio com a minha filha, a Flávia Virginia, e grávida do Max, que nasceu três meses depois. Esse foi meu início.

Você ainda se recorda dos primeiros anos no Rio, quando era "crooner" de boates na Zona Sul da cidade?
Foi um período muito importante. A noite foi uma vitrine, onde pessoas como o Boni, da Globo, e o Vinicius de Moraes me viam cantar. Mas eu não cantava o que eu gostava. Era sempre samba-enredo. Cantava todos os sucessos. Já tinha composições, mas não podia mostrar. Só depois de um tempo eu disse que só ia continuar se cantasse o meu repertório, com a minha banda. Foi então que montei uma banda com Luisão Maia, Paulo Braga, Helio Delmiro, Antônio Adolfo… Grandes músicos.

Qual foi a primeira música que você gravou?
Chama-se "Qual É", de Marcos e Paulo Sérgio Valle, que gravei para a novela "Os Ossos do Barão". Foi na época em que eu comecei a gravar músicas para trilhas sonoras de novelas. Essa música me proporcionou uma expectativa mortal. Disseram que ia tocar na Rádio Mundial dali a uma semana. Fiquei numa ansiedade enorme até ouvir minha voz no rádio. Eu quase morri. Aquela foi a maior emoção de toda a minha carreira.

Quando você se deu conta de que as coisas estavam realmente acontecendo?
Foi tudo de maneira progressiva. O segundo lugar de "Fato Consumado" no Festival Abertura me proporcionou gravar o primeiro disco, "A Voz. O Violão. E o Som de Djavan", pela Som Livre. Depois, o Mariozinho Rocha quis me levar para a EMI/Odeon, e o João Araújo, sempre elegante, disse "vai, que você vai ter um futuro". Gravei três discos na EMI e pude desenvolver meu trabalho. Nesse período todo, aconteceram coisas incríveis. Certo dia, por exemplo, estava na minha casa, em Vila Isabel, e me liga o Chico Buarque. Tomei um susto porque nem imaginava que ele conhecesse meu trabalho. Achei que fosse trote. Viajamos juntos para Cuba e, depois, fizemos "Tanta Saudade". Comecei a ter contato com Gil, Bethânia, Caetano... Não acreditava.

Quer dizer, você já estava no clube dos grandes, mas ainda não tinha se dado conta.
Exatamente. Essas pessoas vinham falar comigo, e eu ficava chocado. Eles já eram ícones quando comecei a aparecer. A primeira música que aprendi a tocar foi "E Que Tudo Mais Vá

Para o Inferno", do Roberto Carlos, que uma vez me ligou do nada. Foi mais um susto.

A partir do início dos anos 80, depois de uma viagem para Angola com Chico e outros artistas, sua música passou a ter uma influência forte da África. O que o impressionou tanto por lá?
A África foi uma revelação contundente na minha vida. Fui em 1980, numa viagem de intercâmbio cultural com vários artistas de ambos os países. Foi uma coisa louca. Eu observei de onde advinha a minha música. Meu trabalho tem uma divisão complexa, que é muito natural no africano. Em Angola, eu percebi: "vim daqui". Fomos num barco enorme para uma ilha na África e, quando nos aproximamos, o comandante pediu para ficarmos quietos porque a ilha estava cantando para a gente. Aquilo foi muito emocionante, todo mundo no barco chorou. No cais, mulheres com os filhos pendurados, guizos, tambores… Isso tudo mexeu muito comigo, e voltei muito influenciado. Compus "Luanda", "A Ilha" e outras músicas inspiradas naquela experiência.

E, pouco depois de voltar da África, você foi para Los Angeles. Chegou a pensar em ficar lá e fazer uma carreira internacional?
Fui para Los Angeles a convite do Thomaz Munhoz, que me levou para a Sony. Ele queria que eu morasse lá por dois anos, para expandir meu trabalho no mercado internacional. Tentou me convencer de todos os jeitos. Era a oportunidade de ouro de ganhar o mundo. Eu decidi ir e gravar um disco, para só depois resolver se ficava ou não. Foi quando gravei o "Luz" (1982), que foi o primeiro grande sucesso da minha carreira. Vendeu pra caramba, teve participação do Stevie Wonder etc.

Como foi o encontro com ele para gravar "Samurai"?
Ele foi contatado pelo Ronnie Foster, produtor do "Luz". Chegou ao estúdio num Rolls Royce, me abraçou, foi simpático. Aí foi para o piano e começou a tocar vários clássicos. Depois, pediu para ouvir o meu disco, que estava pronto e só faltava a parte dele. Ele ouviu tudo, foi para o estúdio, gravou a participação dele e foi embora. Foi uma tarde incrível.

E por que você não quis ficar em Los Angeles?
A Sony fez de tudo para eu ficar. Ofereceu todas as despesas pagas e tal. Mas não queria perder o contato com o Brasil, com a minha cultura. E eu pensei que ganharia o mundo fosse como fosse. Não queria cantar em inglês. Queria me manter como era. Preciso da essência brasileira. Quero músicos brasileiros por perto. Quero isso aqui.

Você virou uma fábrica de 'hits'. Como consegue isso, mesmo tendo uma musicalidade complexa?
Sou um artista popular, mas sem fazer música exatamente popular. Não sei explicar. É uma reunião de fatores. As pessoas gostam da minha voz. E a minha letra consegue tocar as pessoas. Nos meus discos, sempre tem uma música que vai fazer sucesso. Tem um código de comunicação estabelecido com o público desde o começo do meu trabalho, com canções como "Flor de Lis" e "Meu Bem Querer".

Mas você procura essa identificação ou é natural?
Eu faço o que o meu coração pede, o que a cabeça determina. Credito a mim todos os meus erros e acertos. Nunca deixei ninguém interferir no meu trabalho, nunca ouvi ninguém. Continuo não ouvindo. É por isso que acabei montando toda minha estrutura, com gravadora, produtora, escritório… Abri minha gravadora para gerir a minha vida sem dar satisfação a ninguém. E porque eu queria me expor a um grande risco. Era um grande risco abrir uma gravadora, em 2001, quando todas as gravadoras estavam falindo. Eu queria poder ser outro a cada dia. A novidade me motiva.

Como foi essa passagem para a independência?
É preciso ter um *background* sólido. É difícil construir uma estrutura, mas montei uma equipe que me deixa completamente livre para criar. Não foi de uma hora para outra. Sofri muito até conseguir. Mas eu tenho essa consciência empresarial desde 1979, quando criei a minha própria editora e me tornei dono das minhas músicas a partir de então.

Mas antes disso você já tinha grandes sucessos gravados...
Até hoje eu me ressinto de canções como "Flor de Lis" e "Meu Bem Querer" porque elas não me pertencem. Foram escritas antes disso. Mas estou começando a me movimentar para reaver toda a minha obra. Sou dono de 85% do meu repertório. A maioria dos compositores com obras grandes é dona de 50% no máximo. É por isso também que eu faço arranjo, toco, canto, produzo… Para ser íntegro, mostrar integralmente meu pensamento. Não é porque sou totalitário.... Mas eu sou um pouco.

De que forma os músicos acompanhantes se envolvem com seus discos?
Tenho relação de muita cumplicidade com as pessoas que trabalham comigo. Os músicos se envolvem muito com os projetos. Gosto de fazê-los sentir que o disco é deles também. A banda que formei para o trabalho novo trabalhou comigo há 15 anos: Paulo Calazans, Carlos Bala, Marcelo Martins, Torquato Mariano, Marcelo Mariano, Glauton Campelo e o único novo, Jessé Sadoc, trompetista. Eles se sentem donos do projeto, mesmo sendo meu disco. As gravações para esse novo álbum foram uma delícia, a gente riu muito.

Soube que você trabalha muito mais à noite, certo? Varando a madrugada...
Pois é, de noite a introspecção é mais possível. Toca menos o telefone. Mas, olha, eu quase não uso celular e não vou à internet nunca. Também sou muito caseiro. Saio muito pouco de casa, não apareço muito por aí. Até porque eu sinto uma necessidade de ficar com as crianças. Fiquei muito afastado dos meus primeiros filhos, por causa do início da minha carreira. Hoje, faço questão de estar bem próximo dos meus filhos pequenos e da minha mulher. Nosso casamento está completando 15 anos e tem até uma música para ele, "15 Anos", no disco novo.

A internet ajuda a acompanhar a reação das pessoas ao seu trabalho. Você gosta disso? Por outro lado, a internet representa um foco de crise na questão nos direitos autorais. O que pensa disso?
Sempre recebi muita carta, mas só tive noção real do que eu represento para as pessoas com a internet, que trouxe essa interatividade constante e imediata. Mas a internet é uma faca de dois gumes em vários aspectos. Como é um veículo monumental e novo, são necessárias leis para gerir tudo isso. Eu gostaria de ver surgir uma regulamentação para proteger os compositores que dependem de direitos autorais muito mais do que eu, inclusive.

Os discos vendem cada vez menos. Você nutre esse tipo de expectativa antes de lançar um trabalho?
Nunca fui um grande vendedor de discos. O "Luz" vendeu um milhão, e o "Ao Vivo" vendeu uns dois milhões. Mas, no geral, eu sempre fiquei na faixa dos 200 mil, 300 mil. Acho que esse disco vai vender bem, tem apelo popular. Estou muito animado.

"COMPOR É UMA NECESSIDADE FÍSICA, COM A QUAL EU ME EXPANDO E ME REVELO.

EU INDEPENDO, TU INDEPENDES...

NUM MOMENTO DE TRANSFORMAÇÃO PROFUNDA NO MERCADO MUSICAL, ARTISTAS INDEPENDENTES ENSINAM A SURFAR A ONDA DA ERA DIGITAL E GRAVADORAS GANHAM NOVO PAPEL COMO DIVULGADORAS E ATÉ PRODUTORAS DE SHOWS

Priscila Barcellos

Pedro Escobar

Por Lauro de Figueiredo Teixeira, do Rio

Até a penúltima década do século XX era quase impensável produzir e gravar um disco sozinho, devido aos altos custos do processo, sem falar nas dificuldades de divulgação, marketing e distribuição. Desnecessário dizer que esse panorama mudou completamente. O Brasil e o mundo acumulam exemplos bem-sucedidos de artistas que puseram o pé e a cabeça na rede e souberam tirar vantagem da brutal circulação de informação que ela propicia. Expoente da geração "Faça você mesmo", o músico China saiu em carreira solo em 2004, cinco anos depois de lançar o primeiro disco da sua banda, Sheik Tosado, por uma gravadora. Segundo ele, a popularização dos meios de produção e os avanços tecnológicos, que permitiram a rápida difusão pela internet, mudaram o cenário musical nos anos 2000. China diz que aprendeu a divulgar seu trabalho na rede com os parceiros do Mombojó.

"Gravei uma boa parte do meu disco ('Moto Contínuo') no conforto do lar. Depois que percebi o poder da internet, saquei na hora que o grande lance era cuidar da minha própria carreira. Costumo dizer que o MSN e o GTalk são meus gerentes de marketing e que o meu site (chinaman.com) é a minha gravadora. Não preciso mais esperar o presidente da gravadora nem a reunião com o departamento de marketing, pois eu sou o presidente da minha carreira. Eu sou meu marqueteiro", resume o apresentador da MTV.

O consultor de negócios Guilherme Velho dá dicas práticas para os músicos que querem seguir os passos de China e colocar seu trabalho na rua (e na web). Ele cita ferramentas como o netvibes.com (para monitoramento online) e o mundo27.com (plataforma virtual que permite aos músicos acrescentar, editar e remover músicas, discos, fotos, vídeos e shows), usado por gente como Domenico Lancellotti e Os Outros. Velho cita ainda iniciativas de fomento ao empreendedorismo com ênfase em economia criativa, como o Programa Shell Iniciativa Jovem (iniciativajovem.org.br), o Rio Criativo (riocriativo.rj.gov.br), o Instituto Gênesis (genesis.puc-rio.br), a Experimental AD\Venture (experimental.cc) e o Estrombo (estrombo.com.br).

"Costumo brincar que 'o empreendedorismo é o novo punk'. Talvez a grande vantagem deste perfil seja a possibilidade de fazer seu trabalho acontecer, mais rapidamente, por conta própria ou se coligando com outros 'pequenos'. Hoje é mais fácil encontrar jovens artistas querendo 'viralizar' como uma Mallu Magalhães ou como A Banda mais Bonita da Cidade. Já a desvantagem é confundir o conceito de ser independente com o de ser sozinho. Falo do perigo do artista que não percebe que o barato é a interdependência junto a outros artistas, fornecedores, amigos etc.", pondera Velho.

Marcelo Camelo

Mallu Magalhães sabe bem disso. A cantora, que se tornou um fenômeno musical na web aos 15 anos, ao subir suas canções para a rede em 2007 – entre elas o hit "Tchubaruba" –, diz acreditar que não é possível fazer nada sozinho. Hoje no seu terceiro álbum, "Pitanga", e nome máximo dessa geração ultraindependente no Brasil, ela reconhece a importância de ter sua obra editada.

"É possível começar sozinho, mas, quanto maior o salto, mais gente é necessária. Porém, acho que há como concentrar as diretrizes e decisões em uma pessoa só. Reger um time, sabe? Aí, sim, é possível fazer com que tudo soe como se tivesse feito sozinho, por ser autoral e totalmente fiel ao que você faria. Mas é impossível ser feliz sozinho..." , parafraseia Mallu. "A edição da obra é fundamental. Como artista e compositora, procuro o máximo de proteção e profissionalismo em todas as camadas com que me deparo no momento em que a canção sai do estúdio. O trabalho de edição é feito por profissionais, que se dedicam, conhecem e trabalham com isso. Assim como eu trabalho minhas composições. Concentração e dedicação total."

Destaque no cenário independente ao lado dos RockBoys na década de 1990, quando ajudou a vender o primeiro CD da banda, de mão em mão, durante os shows, Maurício Baia avalia o novo papel das gravadoras ao ajudar a divulgar e administrar o trabalho dos artistas. Em pré-produção do seu próximo álbum num estúdio caseiro, paralelamente o músico está em turnê do DVD "Baia no Circo", pela Som Livre, que ajudou a organizar shows promocionais de lançamento em lojas de 22 cidades brasileiras. Esse novo papel da gravadora como produtora de espetáculos é síntese do momento que a indústria da música vive.

"Tive uma experiência muito bacana com esse DVD, num contrato de licenciamento, em que a Som Livre faz a distribuição e a promoção. O DVD entrou na programação do Canal Brasil, do Multishow HD, com uma distribuição maciça pelo Brasil. Foi a minha geração que mudou esse prisma. Passamos a ter as gravadoras mais como parceiras. Continuo a me manter como produtor fonográfico e, muitas vezes, como editor administrado por editores. Minha obra está editada lá. Meu contrato permite que, se eu quiser abrir uma editora, mesmo assim seja administrado por eles. Vejo a editora como mais um parceiro comercial da música. Se quiserem usar uma música minha, sou informado, mas há aquele *staff* da editora tanto para assessorar quanto para resolver as questões estando onde eu estiver", explica Baia.

NEGÓCIO DO CHINA EM DEZ LIÇÕES

1. Trabalho todos os dias compondo músicas novas e divulgando minhas ações na internet. Sempre alimento meu site e as redes sociais com vídeos, textos, músicas e tudo o que possa me ajudar na circulação da minha obra. Exploro a internet ao máximo fazendo vídeos caseiros, teasers de shows e até mesmo a transmissão ao vivo de ensaios na rede. O fã curte esse tipo de coisa, e eu curto saber o que o fã curte para continuar alimentando essa relação. Se a internet é um meio democrático, por que não tentar usar isso da melhor forma possível?

2. Tenho uma ótima assessora de imprensa (Patrícia, sua irmã), que está sempre alimentando os veículos de comunicação com informações sobre o que ando fazendo. Semanalmente a gente se encontra para discutir cada passo da divulgação.

3. Sempre que faço show em alguma cidade, entro em contato 15 dias antes com a loja mais legal de discos daquele lugar. Mando os meus discos para lá e divulgo nas redes sociais que em tal loja tem meu disco para vender e que eu vou ficar bem contente se o público comprar e aprender as músicas para cantarmos juntos no show (risos). Também vendo discos no show. Sempre que dá, vou para o lugar onde os discos estão à venda e fico lá tirando fotos, dando autógrafos e ajudando a vender os CDs e LPs depois do show.

4. Mesmo tendo uma excelente empresária para vender meus shows e agenciar minha carreira, tento conhecer os contratantes para estreitar as relações. Acabo ficando amigo da maioria deles, e isso faz com que o trabalho flua mais fácil, pois, na amizade e na cordialidade, todo mundo faz a sua parte mais feliz. Também procuro ir pessoalmente a redações de jornais, televisões e rádios, para entregar meu disco e conversar com editores e repórteres.

5. Me cerco de gente talentosa e estou sempre aprendendo com eles. Não tenho medo de errar e recomeçar.

6. Leio sobre tudo o que está relacionado à música e ao mercado fonográfico para descobrir que caminhos devo seguir e também para conversar de igual pra igual com qualquer pessoa que esteja ligada à minha área de trabalho. E claro, também escuto muita música.

7. Não tenho pressa em fazer sucesso, mas também não durmo no ponto. Cada dia subo um degrau da minha carreira. Sei que, se trabalhar duro e da forma correta, esse momento chegará. E não copio ninguém! Tento fazer um som original, criativo e diferente do que existe por aí. As cópias têm vida curta.

8. Mando material de divulgação para todos os festivais, donos de casas de shows e contratantes espalhados pelo país. Esses contatos estão na internet, então é só fuçar na rede e enviar o material pelos correios ou por e-mail.

9. Reinvisto o dinheiro que ganhei nos shows e vendas de discos para fabricar mais discos e gravar novos álbuns.

10. Trabalho, trabalho e trabalho. Sou meu chefe!

Rosane Bekiermam

União Brasileira de Compositores UBC 70 ANOS O AUTOR EXISTE

O COMPOSITOR COM ALMA DE MENINO

Por Nelson Liano Jr., do Rio

Guilherme de Brito é um poeta da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Aprendeu as rimas e as harmonias da melodias conhecendo as ruas da cidade e o povo que habita nela. No botequim São Jorge de Ramos, nos anos 40, conheceu o parceiro com quem compôs por mais de 40 anos, com toda fidelidade. Guilherme de Brito e Nelson Cavaquinho realizaram o sonho de inspirar com as suas canções milhões de pessoas. Guilherme de Brito, que trabalhou por mais de 30 anos na Casa Edson, vendendo discos e instrumentos musicais, se encontrava depois expediente com Nelson Cavaquinho numa mesa do fundo da Adega dos Bandidos, na Praça Mauá. Pagava a cerveja preta para o parceiro, e noite adentro compunham versos e músicas. Um fazia a primeira parte, e o outro completava. Cantavam várias vezes para memorizar a melodia e, depois, ofereciam as composições para os cantores de sucesso na época. Nesta entrevista, Pauta oferece aos seus leitores um pouco da memória de um homem simples com alma de artista. De cara, "seu" Guilherme vai avisando que não tem as datas precisas dos acontecimentos na cabeça, mas que sabe bem contar a história.

Pauta - "Seu" Guilherme, conte como começou a sua carreira de artista.
Eu morava em Vila Isabel, menino de rua, minha vida muito boa, aí meu pai morreu, e eu, para ajudar, fui trabalhar na Casa Edson, com 14 anos. Eu nasci lá na Vila, em 1922, e a vida sempre me levou para o lado da música. Meu pai e minha irmã tocavam violão, e fui aprendendo. Eu era moleque e tocava cavaquinho pela rua. O quitandeiro pedia para eu tocar e cantar e me dava uma laranja, uma banana, já era um cachê pintando naquela ocasião. Aí surgiu uma oportunidade, e minha velha pediu uma calça de um, um paleto de outro, para eu poder me apresentar, em 1931. Aquela roupa ela recortou, e naturalmente não ficou boa para mim, porque eu sempre fui magro assim e desajeitado. A verdade é que os caras começaram a me sacanear: "pô, a sua calça parece um balão". E foi aí que surgiu meu primeiro samba. Eu, me sentindo magoado por aquela situação, compus o meu primeiro samba, que foi "Calça Balão". Daí para a frente comecei a compor, fazendo músicas para a namorada e tentando gravar, o que era muito difícil naquela época. A Ademilde Fonseca e o Roberto Silva cantavam as minhas músicas, mas ninguém gravava. Só gravavam aqueles compositores mais conhecidos. E você imagina que naquela época cada cantor só fazia um disco por ano, que era em 78 rotações, com uma música de cada lado. Eu queria gravar para entrar para uma sociedade de compositor. Mas, um dia, eu fui cantar na Rádio Vera Cruz, no programa "Aurora", onde me apresentava sempre, sem ganhar nada, quando eu recebi uma primeira carta de uma fã de Belo Horizonte. Minha mulher começou a ficar na bronca. Eu ambém ficava compondo e chegava em casa tarde, a coisa foi ficando complicada, e reso lvi parar de compor... Mas, um belo dia, resolvi procurar o Antonio Calheiros, um cantor conhecido da época, para apresentar uma valsa minha. O Calheiros ouviu a valsa "Meu Dilema" e disse: "Muito bonita. Eu vou gravar." Comecei a fazer valsas para o Calheiros, ele se tornou meu amigo e começou a frequentar a minha casa. Um dia, tocou o telefone, e era o Calheiros dizendo para eu passar na gravadora Toda América e assinar o contrato, que ia gravar a valsa. E depois ele falou: "mas tu nasceste virado para a Lua. O diretor artístico ouviu um monte de sugestões para ser o outro lado do disco e não gostou de nada. Quando não tinha mais nada para apresente, mostrei a tua valsa 'Audiência Divina', aí o Antonio Almeida me disse 'essa é que é a música para o outro lado'". Saiu o disco com as minhas duas músicas. Eu fiquei tão feliz que comprei uma caixa de discos e distribuí para os amigos no Bar Nacional do Largo da Carioca, dando autógrafos. A partir daí a coisa começou a a andar. Apareceram parceiros como Pedro Caetano, Vocalistas Tropicais, aí gravei duas músicas com o Orlando Silva, e foi assim...

Pauta - E como surgiu a sua parceira com Nelson Cavaquinho?
Um dia, indo trabalhar de manhã na Casa Edson, passei no Botequim São Jorge de Ramos e vi aquele aglomerado em torno de uma mesa. Cheguei, e quem era? Nelson Cavaquinho. Parei e fiquei olhando. Naquela altura o Nelson já tinha gravado "Notícia", "Degraus da Vida". Achei que, se eu me chegasse, e ele me aceitasse como parceiro, a coisa seria mais fácil para mim, pela banca que ele já tinha como compositor. Aí eu fiz a primeira parte de um samba, "Garça", e, muito sem jeito, cheguei perto dele e disse "Nelson, eu fiz a primeira parte de um samba, você quer ouvir?" Ele respondeu: "Canta, meu filho". Eu cantei, ele gostou e fez a segunda parte. Aí gravamos, se não me engano, com a cantora Ruth Amaral. Então nós começamos a fazer muitos sambas juntos. Até que chegou um dia, e ele falou: "Vamos fazer um trato de nós só gravarmos juntos. Nem eu posso gravar com outro parceiro nem você". E ali nós vivemos gravando até o fim da vida do Nelson, sempre fiéis. Fui amigo do Cartola, mas não pude gravar com ele por causa do trato. Essa nossa parceira durou uns 40 anos, nós gravamos com tudo quanto foi cantora, como a Beth (Carvalho), a Elizete (Cardoso). Inclusive a Beth Carvalho muito nos ajudou, gravando sempre músicas nossas nos seus discos.

Pauta - O senhor já ganhou muito dinheiro com os direitos autorais das suas músicas?
Depois que o Nelson infelizmente morreu, eu me senti à vontade para compor com outros parceiros, como o Monarco, o Nelson Sargento, o Tito Madi, o Evaldo Gouveia. Aí o Fagner me mandou uma música, chamada "Distância", para eu pôr a letra. O Fagner me falou: "vai lá e pede uma grana para o editor da BMG a título de adiantamento da música". Eu pensei: "vou pedir 500 reais". Chegando lá, o diretor da gravadora me perguntou de quanto eu precisava. Na minha cabeça eu estava com 500, mas respondi: "vê lá o que vocês podem fazer por mim". O camarada me falou: "3.000 reais está bom". Estava ótimo. Mas, quanto ao direito autoral, agora é que as coisas estão melhorando, com as modificações que vêm sendo feitas. Eu trabalhei 35 anos na Casa Edson, me aposentei e estou desde 68 na UBC, porque se eu fosse viver só de música não tinha dado.

Pauta - O senhor, além de compositor, é pintor de quadros. Como é que isso aconteceu?
Quando eu era garoto lá na Vila Isabel, e saía tocando cavaquinho, sempre levava um carvão no bolso, porque sempre tive inclinação para desenhar. Minha professora no colégio Metodista sempre me mandava ir para o quadro para desenhar, reproduzindo as ilustrações da cartilha. Quando eu terminava, ela mandava a classe bater palma para mim. Eu sentia a maior vergonha, só faltava o chão se abrir e me tragar. Quando chegou 1941, resolvi pintar um quadro a óleo, sem nunca ter tido lição de ninguém. Pintei uma paisagem, e o quadro ficou lá em casa sem utilidade. Pensei em jogar fora. Mas conheci um pintor, o Sansão, que morava em Copacabana, a gente ficou amigo, e eu passei a ir lá. E comecei a me entusiasmar com a pintura. Pintei um montão de quadros, participei de várias exposições e ganhei vários prêmios. E por tudo isso que fiz é que sou um cara muito feliz.

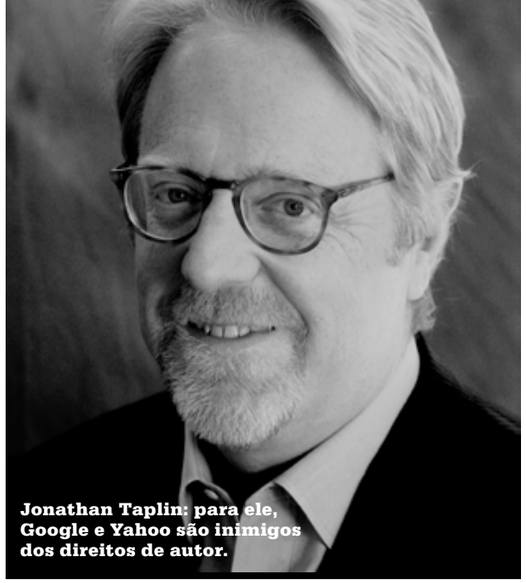
O mestre em casa, no Rio: morto em 2006, ele deixou uma grande herança ao mundo da música brasileira.

UBC 70 ANOS

Em comemoração às sete décadas da UBC, relembramos mais um saudoso momento da nossa publicação, que, em agosto de 1999, quando ainda se chamava "Pauta", apresentou uma entrevista com o compositor Guilherme de Brito, então com 77 anos. O mestre, morto em 2006, falou da sua parceria de quatro décadas com Nelson Cavaquinho, da dificuldade de entrar no mundo da música, dos percalços para viver de direitos autorais e até do envolvimento com as artes plásticas.

"ESTAMOS OUVINDO MAIS MUSICA DO QUE NUNCA NA HISTÓRIA"

jontaplin.com



Jonathan Taplin: para ele, Google e Yahoo são inimigos dos direitos de autor.

RENOMADO ESPECIALISTA EM MULTIPLATAFORMAS, O PROFESSOR AMERICANO JONATHAN TAPLIN FALA SOBRE A PRODUÇÃO E O CONSUMO DE CONTEÚDOS NA ERA DIGITAL, ATACA A PIRATARIA E PROPÕE UM IMPOSTO PARA COMPENSÁ-LA

Crise nas grandes gravadoras? Bobagem. A música nunca viveu um momento tão extraordinário. Exceto pela maneira pobre e tecnologicamente "involuída" como ela soa nos mais avançados aparelhos de som já criados. Um pouco confuso? Tudo bem, isso é Jonathan Taplin, professor da Universidade do Sul da Califórnia, renomado especialista em transmídia, pirataria, TV e música do futuro e... visionário. Quando a era digital ainda engatinhava, esse ex-produtor e empresário musical que tem no currículo trabalhos com Bob Dylan, Janis Joplin e George Harrison já defendia um futuro de produção e consumo de bens culturais multiplataforma - ou seja, a convergência máxima de TV, filmes, vídeos, jogos e músicas em dispositivos portáteis. Hoje, ele sustenta que as novas tecnologias fizeram mais e melhor pela democratização da criação musical nas últimas décadas do que todos os anteriores séculos somados.

Taplin só ainda não está satisfeito com a qualidade da música que ouvimos em dispositivos como iPod ou telefones inteligentes. "Nós involuímos em termos de qualidade do som. Os LPs que eu tenho do Jimi Hendrix soam muitíssimo mais 'quentes' que qualquer CD. (O produtor e músico americano) T-Bone Burnett e eu temos a missão de trazer de volta a alta fidelidade a aparelhos como iPhones e iPads", diz, em entrevista à Revista UBC. "Agora, se me perguntam se sou pessimista em relação ao futuro da música, respondo que é claro que não. Estamos ouvindo mais música do que nunca na história. Só precisamos encontrar um jeito de garantir que os artistas sejam pagos. Isso não tem por que ser tão difícil".

Para ele, uma das grandes falácias do nosso tempo é o argumento - muito usado pelos jovens, maioria entre os consumidores de conteúdo digital - de que a livre circulação de criações artísticas é democrática e libertária. A verdade, argumenta, é simples, quase simplória: sem pagamento, qualquer indústria é economicamente insustentável. O que faz a diferença é a criatividade sem limites das novas gerações para encontrar maneiras de transformar o produto do seu engenho em dinheiro. E nisso seu centro de pesquisas, o Annemberg Innovation Lab, tem dado contribuições inestimáveis.

Um dos projetos mais inovadores a que vem se dedicando tem a ver com a maneira como as pessoas veem TV hoje: conectadas, interligadas, transformando o ciberespaço numa grande sala de estar enquanto, por exemplo, mais um capítulo de "Avenida Brasil" ou uma importante partida de futebol do Corinthians ou do Flamengo vão ao ar. Pois Taplin e sua equipe trabalham, em parceria com a gigante IBM, numa ferramenta chamada Twitter Sentiment, que mede, em tempo real, a verdadeira repercussão de qualquer evento, o que as pessoas estão falando sobre ele. As palavras-chave são varridas no Twitter - a plataforma pela qual as pessoas expressam de modo mais aberto, e para o mundo todo, não apenas para seus amigos, o que pensam sobre qualquer tema -, e cria-se um termômetro razoavelmente fiável. Na TV do futuro, os produtores de conteúdo não estarão apenas de olho no Ibope; eles quererão, sobretudo, saber o que seus consumidores pensam sobre o que lhes é oferecido.

O otimismo do especialista advém da certeza de que iniciativas criativas não são exclusividade de especialistas e estudiosos como ele. Durante o último Rio Content Market, o maior evento de conteúdo audiovisual multiplataforma da América do Sul, realizado entre fevereiro e março deste ano na capital fluminense, o participante Taplin destacou como iniciativa mais interessante a atividade Lab Transmídia, concebida pela empresa brasileira The Alchemists. Tratou-se, basicamente, de um concurso em que 12 jovens criadores, selecionados entre centenas de inscritos em toda a América Latina, com apoio de expertos e suporte financeiro e tecnológico, disputaram prêmios criando conteúdos 100% transmídia e vendendo-os a distribuidores internacionais. Para Taplin, os jovens concorrentes captaram o conceito de cultura participativa de maneira primorosa.

"O Brasil está na vanguarda da criação, hoje se sente uma onda de otimismo aqui que contamina tudo positivamente. Os artistas brasileiros se destacam no mundo, produzem algo que o mundo quer ver e ouvir. A maior contribuição que vocês podem dar é continuar a fazer excelentes músicas, excelentes obras e garantir que seus artistas sejam pagos por elas e que não sejam roubados por mentes gananciosas como a do (fundador do site MegaUpload) Kim Dotcom".

E não é só o mais óbvio atropelador do direito autoral em nome da "livre circulação" que está na mira de Taplin. Para o professor, Google e Yahoo são igualmente inimigos dos direitos de autor. "Eles não serão seus amigos até que parem de anunciar em sites piratas e aceitar dinheiro de sites piratas que pagam por aqueles links patrocinados", dispara. "Não há dúvida de que a pirataria é o maior desafio na era digital. Há sites piratas faturando milhões de dólares em anúncios. Só há duas maneiras de melhorar a atual situação dos autores. A primeira é impedir os anúncios em sites piratas, é preciso asfixiá-los economicamente. A segunda é criar um imposto de conteúdo de alguns poucos dólares mensais a ser debitado na fatura de internet dos usuários para reembolsar os autores pelos conteúdos roubados", propõe.

Segundo a ideia do especialista, num ciclo virtuoso, usuários da rede compensam a pirataria em larga escala financiando, coletivamente e com módica contribuição, a produção de mais conteúdo, que acabará abastecendo seus dispositivos móveis - grande interface para o consumo de entretenimento, hoje. Ninguém sai perdendo. Cenário dos sonhos? Ainda não. Taplin só ficará realmente feliz quando a qualidade do som desses aparelhinhos estúpidos puder, pelo menos, se igualar à dos velhos bolachões...

NOVA REGRA DO ECAD VAI BENEFICIAR MÚSICOS ACOMPANHANTES

ESCRITÓRIO PRETENDE DISTRIBUIR A ESSES PROFISSIONAIS DIREITOS REFERENTES A TODOS OS FONOGRAMAS EXECUTADOS

O Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad) mudará a regra de repasse dos direitos conexos aos músicos acompanhantes. Essa alteração, que visa a aumentar o número de músicos contemplados na distribuição, começa a valer em novembro. De acordo com Ney Tude, gerente geral da União Brasileira de Compositores (UBC), "a importância dessa mudança está no fato de que poderemos, num futuro não muito distante, distribuir direitos aos músicos acompanhantes participantes de todo e qualquer fonograma captado pelo Ecad. Para não causar um impacto muito forte, a mudança será gradual. O incremento no número de fonogramas contemplados será anual, sempre dobrando ano após cada ano", explica Tude.

Pela regra antiga, a distribuição era baseada somente nos 650 fonogramas mais executados nas rádios e nos 600 fonogramas mais executados em TVs abertas, sendo 300 fonogramas de TV Planilha (programas jornalísticos, esportivos, de variedades e auditório) e 300 fonogramas de TV Audiovisual (séries, minisséries e novelas nacionais). Este limite existia porque, como a verba a ser repartida entre os músicos não era grande, se todos os fonogramas fossem contemplados o valor seria tão baixo que não seria possível traduzi-lo em moeda. Com o constante aumento na verba arrecadada pelo Ecad, a regra foi revista, e mais fonogramas serão contemplados. Após diversos estudos e simulações, realizados em maio passado, a Assembleia Geral do Ecad definiu que a distribuição de músico acompanhante passará a contemplar todos os fonogramas executados nas rádios e TVs abertas, gradativamente.

Em novembro será realizada a primeira distribuição deste segmento, já com a nova regra, que começará abrangendo os 2.600 fonogramas mais executados nas rádios, além dos 600 de TVs abertas, tomando como base as músicas executadas no trimestre de abril a junho de 2012. A previsão é de que aproximadamente 3.600 titulares sejam beneficiados com tal repasse, o que significa um aumento em torno de 80% em relação à primeira distribuição deste segmento realizada em 2012, no mês de fevereiro. Com a nova regra, vários músicos serão contemplados pela primeira vez.

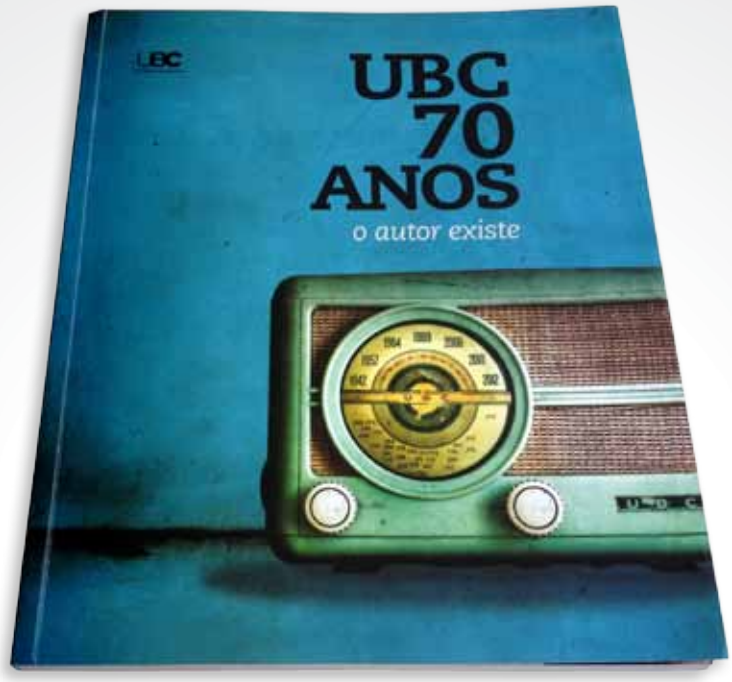
De acordo com a política de aprimoramento constante dos critérios de distribuição definidos pelas associações de gestão coletiva musical, a cada quatro distribuições, ou seja, a cada ano, a quantidade contemplada de fonogramas mais executados nas rádios e TVs abertas será dobrada, até que todos os fonogramas executados sejam contemplados. A partir de novembro de 2013, a quantidade contemplada de registros mais executados nas rádios e TVs abertas passará de 2.600 para 5.200, captados nas rádios, e de 600 para 1.200, nas TVs abertas. Em até cinco anos, todos os músicos participantes de registros sonoros executados serão contemplados.

Em agosto, o maestro Severino Araújo nos deixou, aos 95 anos, 74 deles de muito sucesso à frente da Orquestra Tabajara.

A música brasileira ficou mais triste, mas os bailes lá de cima certamente estão mais animados.

Obrigada por tudo, mestre

UBC União Brasileira de Compositores



Uma história de 70 anos não é uma só, são muitas. Redescubra-as na versão online do livro "UBC - 70 anos - O Autor Existe", repleta de fotos, documentos e registros raros de sete décadas de luta pelos direitos autorais.

Celebre conosco. Essa conquista também é sua!

União Brasileira de Compositores

UBC 70 ANOS

O AUTOR EXISTE

Acesse o *site* www.ubc.org.br